



Caderno de Cultura Nódoa no Brim

ARTE E RISO EM LIMA BARRETO

Elizabeth Barros (UnB)



Dizia o conto popular que um povo se matou em nome da caça ao ouro: o perfaço desse ouro derivava dos ossos daqueles que já haviam morrido. Como era farto o cemitério da matéria prima da riqueza! Mas, quando todo um povo quer se alimentar do mesmo pão, não há Deus que dê conta da saciedade dessa gente. A singela história é o núcleo de **A Nova Califórnia**, conto de Lima Barreto que faz uma brincadeira com a ganância do homem. Ouçamos a obra: **A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações. Pelino esfaqueou o turco por causa de um fêmur e mesmo entre as famílias questões surgiram. Unicamente, o carteiro e o filho não brigaram. Andaram juntos e de acordo e houve uma vez que o pequeno, uma esperta criança de onze anos, até aconselhou ao pai: “Papai, vamos aonde está a mamãe; ela era tão gorda...”** (BARRETO, 2010, p. 70).

Hóspede Ilustre

Lima Barreto



O emir Mulay Málek Ben-Bélek é especialista em agricultura. Ele já ensinou ao senhor Carlos a fazer brotar do caroço da uva, pés de algodão do mais estimável fio.

Além disto, conhece os outros gregos da mais alta antiguidade do que ele lê, não só em grego, como em árabe, tais como Aristóteles, Ptolomeu, Estrabão, etc. até dos propriamente árabes, persas e hindus.

Uma tal sabedoria está a indicá-lo para professor de "relatividade", na Escola Politécnica, ao lado das "Máquinas" do senhor Frontin.

O emir Mulay tem oitenta e três mulheres e cento e cinquenta concubinas. Não as trouxe por dois motivos: a) por não haver grande necessidade; b) porque supôs que, aqui, não houvesse carros "especiais" em que as suas mulheres e concubinas pudessem passear pela cidade, islamicamente enclausuradas como manda o Corão. Desconhecia que, entre nós, há os carros-fortes da polícia...

Este homem eminente, entretanto, segundo dizem, está disposto a fazer-se bufarinheiro, no Rio.

BARRETO, Lima. **Contos completos de Lima Barreto.**

Organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Todos os dias, anunciam as folhas a chegada de um hóspede ilustre, estampando-lhe algumas vezes o retrato. O Rio de Janeiro, se não está ficando o Instituto de França ou a *Royal Society* de Londres, pode bem ficar sendo o Museu do Trocadero. Não me canso de ler tais notícias e causo-me assombro que semelhantes sumidades não figurem no Larousse e em outras publicações congêneres.

Não vem isto, porém, ao caso. O que estas linhas tencionam é protestar contra a omissão que eles fizeram, do nome do ilustre marroquino Mulay Málek Ben-Bélek.

Ele vem superintender a construção do pavilhão de Marrocos que será erguido no estilo original daquele próspero império.

Os materiais empregados, como se sabe, são caniços e uma argamassa feita de bosta de camelo e lã de carneiro. Como aqui não havia camelos, portanto, o primeiro elemento da aludida argamassa, o imperador de Marrocos fretou um barco suíço e atestou-o daquele primordial elemento dos *pártenons* dos seus domínios. Vai ser uma lindeza, debaixo da *féerie* iluminativa que o senhor Carlos Sampaio contratou com os seus amigos americanos e vai nos custar os olhos da cara. Diz-se o mesmo que as experiências realizadas, no morro da Favela, mostraram de que forma mágica iluminações *yankees* transformam, em palácios de "Mil e uma Noites", cubatas africanas.

Caderno de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA EISSC
ISSN 2238-6467

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
PPGEL

EDITORES

Walnice Vilalba é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL).

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

e-mail: wdiaspinono@gmail.com

ENDEREÇO

Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra-MT CEP: 78300-000 Fone:(65) 3326-4724 Fax:3326-6501

Este caderno é parte integrante do Diário da Serra
www.diariodaserra.com.br

ARTE E RISO EM LIMA BARRETO

Elizabeth Barros (UnB)

O riso é seu, caro leitor! As vestes que encobrem essa escrita não tardaram em desmembrar toda uma tradição crítica, que argumenta ser a gargalhada a forma mais plausível de se chamar a atenção de uma nação para os problemas que a envolve. Não esqueçamos Rabelais e sua festa de destronamento: foi retratando os grandes mantenedores da lei de forma risível, evidenciada nos erros e nas contradições, bem como no aumento da proporção dos elementos que compõem a narração, que o autor reproduziu comicidamente os problemas sociais de sua época, ao mesmo tempo em que começava a encenar um fator comum que unia os povos: o erro. É esse erro humano que, ao longo da história, tornou-se motivo da criação de diversas narrativas cômicas, pois é na carnavalização das ambivalências que se passou a achar o núcleo do riso, como meio de desvendamento das contradições.

Dentro do projeto cultuado por Lima Barreto, a arte de tecer histórias é um meio de comunicação humana, cujos símbolos que reconhecem uma cultura estão tão profundos nas linhas artísticas, que no ato silencioso da leitura germinam respostas múltiplas, levando o leitor a participar da realidade daquela história, quase como um pedaço de seu próprio dia. Caso seja por meio do riso, fica por conta do caro leitor, pois a história contada pode lhe trazer alegria, mas também pode ser mote de lágrimas, pois a tragicidade não está longe da comicidade, e, Lima Barreto não se furtou de tal critério: a narrativa tragicômica é elemento essencial de sua escrita, pois é da miséria humana que são construídos seus causos mais risíveis.

O estilo discursivo empregado pelo escritor se justifica pelo reconhecimento de que a obra artística não deve ser um elemento passivo, mas sim se vestir dos problemas de uma época e se fazer resposta, e, nesse processo, dar-se uma função. E que essa função não haja o impedimento do leitor ao divertimento, ou seja, não camuflando o que de mais precioso pode ter a arte. Mas, na poética do autor, os significados do mundo que se fazem nas letras não são rascunhados em beletrísticas, mas rasurados em uma forma que é agente no discurso da imediatez, na linguagem que não se encobre em um purismo, mas que grita nas direções diversas da comunicação, da reflexão, que se fazem denúncia. É o político, o médico, o jornalista, o padeiro, o varredor de rua, pois todos são frutos de uma instância uma da vida: a ganância parece unir todos os povos em um só tempo. E a gargalhada é a celebração da unificação da natureza humana.

Triste fim do Policarpo Quaresma, uma das narrativas mais reconhecidas de Barreto, que ganhou, inclusive, uma versão para o cinema, reafirma o quadro tragicômico que é projeto do escritor. Perante os ideais ilusórios de um Brasil perfeito, a tragédia de Policarpo é desenhada. Enquanto se vale da trajetória que leva à morte da personagem, o riso camufla a miséria e aponta outro caminho para o olhar atento do leitor. É sorrindo que o espectador acompanha a narrativa, perante os vários acontecimentos inusitados que se deslocam do cotidiano comum e lhe causam estranhamento. Tal desencontro entre pensamento e realidade é uma forma muito rica de construção do risível, pois causa estranhamento, restando o riso do caso enunciado. Mas, não podemos esquecer que esse modo de enunciar os fatos de forma alegre nos leva à reflexão, e, essa reflexão configura-se como um tipo de construção, mais especificamente uma reação aos elementos expostos, pois tal fato incomoda o leitor, deslocando-o e o retirando da passividade.

Em outra narrativa de Barreto, **Clara dos Anjos**, dois fatos saltam aos olhos: a necessidade de superioridade do homem diante do homem, e a equalização discursiva ante o dogmatismo religioso. Lima Barreto flagra com muita cautela a necessidade de o homem ser superior ao Outro. A dinâmica da vida se constitui na seguinte ordem: o médico diminui o advogado, que diminui o jornalista, que diminui o comerciante, que diminui seu empregado, que diminui o varredor da rua e, desse modo, a vida segue em um círculo vicioso em que o século XX não é aquele está sendo retratado. Em suma, são todas as épocas que se encontram, que compartilham uma cultura e que representam um homem contraditório, que não se define nele mesmo, tornando-se um grande personagem risível. Ao mesmo tempo em que se fala de uma tragédia, também estamos falando dessa comédia humana que é a própria vida.

Por sua vez, na mesma narrativa, o dogmatismo religioso não priva o leitor de uma boa gargalhada. O contraditório do pensamento religioso habita justamente na ambivalência da própria vida das personagens, pois estas vão a diversos tipos de cultos, não sabem a diferença entre nenhum deles, mas, no final de tudo, o filho não pode deixar de ser batizado na religião cristã: **Os frequentadores dessa ou daquela natureza lá iam sem nenhuma repugnância, pois é próprio do nosso pequeno povo fazer uma extravagante amálgama de religiões e crença de toda a sorte, e socorrer-se desta ou daquela conforme dos transe e momentâneas agruras de sua existência. Se se trata de afastar atrasos de vida, apela para a feitiçaria; se se trata de curar uma moléstia tenaz e renitente, procura o espírita; mas não falem à nossa gente humilde em deixar de batizar o filho pelo sacerdote católico, porque não há, dentre ela, quem não zangue: “Está doido” Meu filho ficar pagão! Deus me defenda!** (BARRETO, 2010, p. 20).

A carnavalização das crenças é uma forma de riso das atitudes da população do período, em que a moral religiosa imperante é a católica, mas em presença das necessidades da vida, todas as outras servem, constituindo uma pluralidade discursiva e revelando a comicidade. Mikhail Bakhtin argumenta que **“o riso é uma posição estética determinada diante da realidade, mas intraduzível à linguagem da lógica, isto é, um método de visão artística e interpretação da realidade e, conseqüentemente, um método de construção da imagem artística, do sujeito e do gênero.** (2010, p. 189). São essas palavras que definem tão bem a estética de Lima Barreto.

Dizem que Lima Barreto é atual e que continuamos vivendo no mesmo país das **Bruzundanga**. Dessa forma, o riso continua tão necessário como naquela época, porque a mesquinha de uma nação parece não ter tempo, mas viver no tempo, enquanto significado real das contradições humanas. O que resta nas postulações é que **O homem que sabia javanês** atravessa todos os dias os nossos caminhos, apenas reafirmando a idiotia humana, pois mesmo com o passar de tantos anos ainda é possível se viver **tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático** (BARRETO, 2010, p. 71). **Felizes os tempos de Rabelais** já dizia Milan Kundera, mas que a nossa arte não se furte com o pouco que um pequeno quadro da existência possa lhe ofertar. Pelo contrário, construa e liberte Limas Barretos em cada centelha que lhe é vida. Que a gargalhada não sirva apenas como meio de comoção ao vazio, mas que se aprofunde nos interstícios de uma cultura, como escavação e desestruturação da passividade de um povo.



A árvore da vida

Dimas Evangelista (PPGEL/ UNEMAT)

O filme **A árvore da vida** (2011), de Terrence Malick, configura-se como uma experiência única e potencialmente imagética. Para além do fundo metafísico, a película percorre caminhos singulares para expressar a dolorosa, porém, inevitável transitoriedade de tudo aquilo que envolve a existência do homem. O longa representa a relação do homem com o tempo pretérito das lembranças, especialmente aquelas da infância e da família. No filme, o desdobramento fragmentado entre tempo/espaço é unificado numa mesma subjetividade. O protagonista é visto na sua relação com um tempo que lhe escapou pelas mãos, no entanto, na intenção de preservá-lo, ele o fixa para sempre em sua memória. Esta, por sua vez, representada por imagens, uma trilha sonora envolvente e vozes em **off** a narrar frases existencialistas ora assertivas, ora interrogativas, que acompanham o protagonista Jack (Sean Penn) na jornada de sua vida. As cenas não possuem encadeamento cronológico, como estamos acostumados em muitos filmes norte-americanos. Ao invés disso, o que ocorre são agrupamentos dos pequenos, mas decisivos momentos que marcaram tanto a infância como a subjetividade de Jack.

O filme de Malick possui uma estrutura altamente poética, com desdobramentos narrativos que evocam o passado, impulsionados por uma nostalgia que engendra melancolia ao cotidiano. Em **A árvore da vida** Natureza e Graça são percebidas como os caminhos a serem escolhidos pelo homem, e o tempo é

concebido em sua totalidade humana, abarcando desde o surgimento da terra até a sua extinção. Pela força da Natureza, o espectador é convidado a transcender. A beleza quase sublime da fotografia revela que o momento de Graça não vem de algo exterior a nós (uma entidade supra-humana), mas sim de uma iluminação interna que guia nossa subjetividade para poder olhar com perfeição o mundo real e suas **imperfeições**. Mas, a Graça só surge dentro de nós a partir do momento em que amamos. E foi o amor de Jack que o fez conservar, eternamente em seu Ser, as pessoas para quem o tempo já havia deixado de mover os ponteiros.



Livro de Cabeceira

O Fantástico Encontro de Paul Zimmermann

Eliane Chieregatto (PPGEL/UNEMAT)

O Fantástico Encontro de Paul Zimmermann (2016) é o segundo romance do advogado e escritor mato-grossense Eduardo Mahon. A obra configura-se como um romance que inquieta, desconstruindo a usual essência fantasmagórica das narrativas de assombração, cedendo lugar a um confronto entre um personagem convivendo com o duplo de si, numa relação impossível que transgride o plausível – o homem por detrás das câmeras, substituído pelo homem de dentro das câmeras. A narrativa apresenta ao leitor a história do banqueiro Zimmermann, personagem que, após um assalto, vê-se obrigado a instalar diversas câmeras de segurança em sua residência. Um jogo fracionário de espelhos narrativos passa a compor o mosaico estrutural do romance, quando o protagonista passa a enxergar (nas telas das câmeras) ele próprio a executar empreitadas das quais não se recorda. Nesta obra, o olho é a câmera, e, a sombra/duplo é o deboche da vida que escapa pelo vão dos dedos do personagem que não viveu, não amou, daquele que engoliu o grito, conformando-se com os padrões sociais impostos, enclausurando-se à espera de redenção. A dualidade entre o real e o irreal colabora para o constante estado de aflição que permeia o protagonista, fazendo o leitor refletir sobre as várias possibilidades de confronto com as intempéries pessoais e sociais a que estamos sujeitos.

O **fantástico encontro de Paul Zimmermann** oferece uma narrativa que, além de reconhecer o incomum como fator de indução, também o coloca como percepção de mundo. Boa leitura.

